



# Território e territorialidade: agricultores e pecuaristas familiares seriam os guardiões do Pampa Gaúcho?

Joelio Farias Maia<sup>1</sup>

Alessandra Troian<sup>2</sup>

Mitali Daian Alves Maciel<sup>3</sup>

Recebido em: 01-10-2023

Aceito em: 20-09-2025

## Resumo

O território Pampa Gaúcho se estabelece através de relações e interações entre o ambiente e a sociedade que contemplam características materiais e imateriais. A agropecuária familiar presente no Bioma Pampa tem o potencial de dinamizar o cenário rural local, por meio da sua reprodução social. Nesse sentido, o estudo visa analisar a relação entre os agricultores e pecuaristas familiares com o território Pampa Gaúcho. A pesquisa possui abordagem qualitativa e caráter exploratório, realizada através de estudo de caso. Foram entrevistados onze agricultores e pecuaristas familiares, entre os meses de outubro de 2021 e fevereiro de 2022, bem como empregada a observação não participante nas unidades produtivas. O tratamento dos dados se deu através da análise de conteúdo. Os resultados indicam que os agricultores e pecuaristas familiares podem ser considerados os “guardiões” do Pampa, os primeiros ligados às questões físicas, rompendo em partes, com a territorialidade, criando novas territorializações e os segundos relacionados aos aspectos simbólicos do território. Os achados permitem identificar a organização de uma dinâmica socioambiental, cultural e econômica particular no Pampa Gaúcho. Ao passo que, nas últimas décadas, o Bioma teve sua área drasticamente reduzida ou convertida em lavouras de grãos, pautadas no modelo de agricultura moderna, que desconsidera todo o contexto sociocultural que há no território. Esses elementos justificam a necessidade de atenção por parte do poder público e da sociedade em prol da valorização da agricultura e pecuária familiar na localidade.

**Palavras-chave:** Identidade; Reprodução; Espaço de vida; Bioma. Rio Grande do Sul.

## Territory and territoriality: can it be said that cattle ranchers and family farmers are the guardians of the Pampa Gaucho?

## Abstract

*The Gaucho Pampa territory is established through relationships and interactions between the environment and society that include both material and immaterial characteristics. Family farming in the Pampa Biome has the potential to boost the local rural scene through its social reproduction. In this sense, the study aims to analyze the relationship between family farmers and ranchers and the Pampa Gaúcho territory. The research has a qualitative approach and is exploratory in nature, carried out through a case study. Eleven family farmers and ranchers were interviewed between October 2021 and February 2022, and non-participant observation was used in the production units. The data was processed using content analysis. The results indicate that family farmers and ranchers can be considered the "guardians" of the Pampa, the former linked to physical issues, partly breaking with territoriality and creating new territorializations, and the latter related to the symbolic aspects of the territory. The findings allow us to identify the organization of a particular socio-environmental, cultural and economic dynamic in the Gaucho Pampa. Whereas, in recent decades, the biome's area has been drastically reduced or converted into grain crops, based on the model of modern agriculture, which disregards the entire socio-cultural context that exists in the territory. These elements justify the need for attention on the part of public authorities and society in favor of valuing family farming and livestock in the locality.*

**Keywords:** Identity; Reproduction; Living space; Biome. Rio Grande do Sul.

<sup>1</sup> Doutorando em Agronomia na Universidade Federal de Pelotas (UFPeL). [maia.joelio@gmail.com](mailto:maia.joelio@gmail.com)

<sup>2</sup> Doutorado em Desenvolvimento Rural (UFRGS). Professora e Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal do Pampa (Unipampa). [alessandratroian@unipampa.edu.br](mailto:alessandratroian@unipampa.edu.br)

<sup>3</sup> Doutoranda em Desenvolvimento Econômico na Universidade Estadual de Campinas (IE-Unicamp). [mitali.maciell@gmail.com](mailto:mitali.maciell@gmail.com)

## 1 Introdução

O Pampa Gaúcho se constitui em um amplo espaço de vida, estabelecido através de interações entre o ambiente natural e a sociedade. Historicamente essa relação foi formada através do uso e ocupação do território, resultando em uma ligação ímpar entre os atributos materiais e imateriais que, combinados, o consolidam (MAIA, 2022). Face ao recorte espacial do Pampa, utilizam-se as noções de território, propostas por Santos (2005) e Saquet (2011), os quais o entendem como uma construção social, de interações a partir de identidades, de sentimentos de pertencimento, de simbolismos, de relações de poder e de conflitos, construídas dentro de um espaço abstrato, que está em constante movimento. O território é o espaço que molda as ações humanas e, ao mesmo tempo, é moldado por elas (OLIVEIRA, 2020).

O Pampa Gaúcho é um território multidimensional (MAIA; TROIAN, 2022). A sua relevância, como ambiente natural, é representada pelo Bioma. O Bioma Pampa ocupa 2,1% do território brasileiro e exerce influência sobre os modos de vida, cultura e economia do povo gaúcho. Composto por um complexo sistema de campos naturais está situado, predominantemente, na metade sul do Rio Grande do Sul, onde plantas rasteiras, gramíneas e espécies arbustivas simbolizam a paisagem pampeana (BENCKE; CHOMENKO; SANT'ANNA, 2016).

Conforme Mazurana, Dias e Laureano (2016), há um desconhecimento acerca da biodiversidade presente no território, o qual apresenta espécies endêmicas e ameaçadas de extinção. As autoras destacam a questão de degradação ambiental no Pampa, esse que é o segundo bioma mais devastado do Brasil, em 2016, apenas 36% de suas características originais eram existentes. O Pampa é o bioma brasileiro que mais perdeu vegetação nativa entre 1985 e 2021, no período, 3,4 milhões de hectares de diferentes tipos de campos deram lugar para a agricultura e silvicultura, o que representa uma perda de 29,5% de vegetação (MAPBIOMAS, 2023).

O território que compreende o Pampa Gaúcho vem sofrendo com mudanças ambientais provocadas pela ação humana e por motivações econômicas (MAIA; TROIAN, 2022). As grandes propriedades rurais com pecuária extensiva, as monoculturas de arroz, de soja e a expansão das áreas de florestamento de eucalipto são práticas que incorrem no esvaziamento demográfico e na elevada concentração de terra e renda da metade sul do estado gaúcho (ALVEZ; SILVEIRA; FERREIRA, 2007).

Com a expansão da agricultura moderna o Pampa Gaúcho passa por diversas transformações que crescem exponencialmente sobre seu campo nativo. As problemáticas resultantes da exploração produtiva do modelo convencional de agricultura têm provocado alterações no seu território, como a conversão de ambientes naturais – campo nativo – em lavouras de grãos. Esse movimento tem propiciado efeitos negativos no cenário rural, que se materializam em degradação ambiental e cultural, bem como em problemas socioculturais (CRUZ; GUADAGNIN; 2012; MATEI; FILIPPI; 2012; MAIA; TROIAN; 2020).

No contramovimento da difusão da agricultura em escala industrial, as atividades agropecuárias, realizadas por agricultores e pecuaristas familiares carregam o potencial de reduzir os danos ao território, devido à forma de uso e a ocupação. Nessa perspectiva, evidencia-se o amplo sentido ao qual denotam essas atividades, na relação entre o campo e o homem, bem como a inter-relação resultante deste processo que, carregam em sua gênese, fatores de valorização do território e todos seus atributos (MAIA; TROIAN; MACIEL, 2022).

Na vanguarda desse movimento, a produção de alimentos, torna-se uma das capacidades resultantes da dinâmica, entre o homem e o ambiente (DAL SOGLIO, 2016). Os agricultores e pecuaristas familiares inseridos no Pampa Gaúcho possuem potencialidades para promover a adequação das atividades agropecuárias, diante da utilização de fatores intrínsecos, relacionados ao desenvolvimento equilibrado e justo, visando à consolidação territorial, mediante a identidade com o espaço, sustentando aspectos materiais e imateriais, ao reproduzir práticas agroecológicas (MAIA; TROIAN; MACIEL, 2022).

Nesse sentido, o território Pampa Gaúcho ocupa espaço de produção e residência dos agricultores e pecuaristas familiares, que se manifestam na atividade produtiva e na influência de aspectos culturais como um modo de vida, o saber-fazer e o conhecimento, principalmente por orientar e assegurar a identidade local (MAIA, 2022). Diante do contexto, o presente estudo tem por objetivo analisar a relação entre os agricultores e pecuaristas familiares com o território Pampa Gaúcho.

As recentes transformações no cenário rural do Pampa Gaúcho, provocadas pela inserção da agricultura moderna, têm ocupado um lugar de destaque no que tange às discussões sobre desenvolvimento ou a falta dele (MAIA, 2022). Desta forma, essas mudanças acabam por negligenciar importantes fatores sociais, ambientais e econômicos inerentes ao território. Assim tem-se a necessidade de pesquisas que busquem identificar e difundir práticas que valorizem e respeitem as características do Pampa Gaúcho.

Para tanto, a redação do estudo está organizada em cinco seções, a contar desta breve introdução. A seguir, discute-se sobre a abordagem do território e identidade, a partir da produção agrícola e pecuária familiar. Na terceira seção, detalham-se os procedimentos metodológicos da pesquisa. Na quarta, apresentam-se os principais resultados e discussões. Por fim, são tecidas as considerações.

## **2 Território e territorialidade: a produção agropecuária e o modo de vida familiar**

A noção de território é complexa e possui caráter multidisciplinar, ela é alvo de constantes debates teóricos e conceituais (MACIEL; TROIAN, 2022a). A concepção dispõe de diferentes e distintas conceituações e, dependendo da área do conhecimento, sua definição ultrapassa a concepção de espaço físico e geográfico (ALBAGLI, 2004).

As discussões teóricas estão embasadas a partir de um (re)conhecimento conceitual sobre território. De acordo com Santos (2005), até os anos 1970, o território era conceito de lugar ou espaço físico. A partir desse período e autor são agregadas importantes considerações à noção de território, no qual o uso e ocupação passam a ser definidores, ultrapassando a perspectiva de espaço físico. Assim, são acrescentadas outras perspectivas na discussão, considerando diferentes dimensões.

A perspectiva multidimensional do território engloba a dimensão material, ou seja, o espaço físico-geográfico, a dimensão social, política, econômica, antropológica, entre outras. Desse modo, o território pode ser entendido como uma projeção de relações sociais em um dado espaço, onde se concretizam relações de poder, transformando-se, assim, em um território (OLIVEIRA, 2020). Nessa mesma linha, Santos (2005) reforça a ideia de que o território é híbrido, concebido de forma e conteúdo (indivisível), que excede o limite da simples presença e o estabelecimento de fronteiras.

O território também pode ser definido como um pedaço de terra apropriado. Albagli (2004) e Saquet (2011) consideram as múltiplas perspectivas de fatores que interagem em forma de uma construção social e as relações que ocorrem em um determinado território. A essas definições se incluem a discussão sobre fatores como: lugar, condições edafoclimáticas, fauna, flora, geografia, relevo, entre outras tantas características físicas e materiais, que vão conviver no mesmo espaço-tempo com fatores imateriais, tais como: a sociedade local, costumes, hábitos, tradições, saberes locais, experiências e uma infinidade de recursos intangíveis (HAESBAERT; RAMOS, 2004; SAQUET, 2013).

O território é um espaço delimitado por relações de poder, como por exemplo, fatores políticos, econômicos e a ação de atores sociais. “*O território é o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence, portanto, o território é o trabalho, o lugar da residência, das trocas materiais e espirituais e do exercício da vida*” (OLIVEIRA, 2020, p. 43). O território é o espaço do acontecer social e solidário, gerando valores de múltiplas naturezas, como por exemplo: culturais, econômicos, antropológicos, sociais, dentre outros (SANTOS, 2005).

Na perspectiva da antropologia, sociologia e psicologia, o território é percebido como a estrutura e o produto da formação de identidades individuais e coletivas, provocando sentimentos de pertencimento, particularidades e de simbolismo aos lugares. Com tal característica, analisa-se o território pelos aspectos de identidade de construção do capital social (SCHNEIDER, 2009a). O território abarca uma dimensão simbólica, a qual identifica um conjunto específico de relações culturais e afetivas entre um grupo e lugares particulares, de apropriação por meio de símbolos de uma porção do espaço por determinado grupo, configurando-se, assim, como elemento constitutivo de sua identidade (ALBAGLI, 2004).

O ato de pertencer vincula-se à territorialidade. Uma vez que, o território é o pertencimento, é o exercer da vida, é o produto resultante das relações sociais no espaço, relacionado à história, cultura e identidade local (SANTOS, 2005; OLIVEIRA, 2020). Desta maneira, a territorialidade está relacionada à expressão de sentimento, ao modo de agir no âmbito de um determinado espaço geográfico, por um indivíduo ou grupo social. As territorialidades são representações através de interações entre atores e lugares, são conexões formando espaços multidimensionais sustentados pelas redes sociais (SAQUET, 2007).

O território é o espaço em que ocorre o uso e a ocupação dos recursos em forma de construção social, onde há ligação entre homem e ambiente, regida também pela identidade. Dadas relações que abarcam o movimento de reforçar ou romper fatores do território, estão presentes nas dinâmicas e características de territorialização (consolidação), desterritorialização (rompimento) e reterritorialização (criação do novo) (HAESBAERT; RAMOS, 2004; CHELOTTI, 2013). Dessa forma, entende-se a territorialização como o efeito de processos resultantes da interação entre atores e lugares, nesta investigação, entre agricultores e pecuaristas familiares e o Pampa Gaúcho, através da apropriação do espaço.

## 2.1 A produção agropecuária: as especificidades da produção familiar

A agricultura familiar se caracteriza por ser diversa e heterogênea, sendo a forma como é percebida, resultado da estrutura agrária brasileira (SCHNEIDER, 2009b). A agricultura familiar é indispensável no estabelecimento da segurança alimentar, possuindo papel estratégico para enfrentar os desafios referente ao desenvolvimento de territórios, adaptação à mudança climática e qualidade de vida para a população (AQUINO; SCHNEIDER, 2021).

Para Ploeg (2014, p.11) a definição da agricultura familiar vai além, *“é a forma com que as pessoas cultivam e vivem. É por isso que a agricultura familiar também é considerada uma forma de vida”*. Segundo o autor, as principais características percebidas na agricultura familiar dizem respeito a unificação entre trabalho manual e atividade mental, a proximidade entre o trabalho e o modo de vida e a produção e o desenvolvimento.

Para Mattei (2014), nas regiões onde há o predomínio da agricultura familiar é notável as diferenças em comparação às áreas dominadas pela produção agrícola em escala industrial, cujo centro dinamizador é dado pelas *commodities* produzidas em larga escala e voltadas ao mercado internacional. Existem ainda, duas diferenças citadas pelo autor no que diz respeito à agricultura familiar em relação ao agronegócio no cenário rural: a primeira se refere à maior preservação dos recursos naturais e a segunda trata da ocupação do espaço físico pelos agricultores e suas famílias.

A agricultura familiar pode exercer importantes papéis no processo de desenvolvimento. Dentre eles pode-se citar a resiliência econômica, ecológica e social das comunidades rurais, a geração de empregos, a emancipação de parcelas oprimidas, a manutenção das paisagens e manutenção da biodiversidade (PLOEG, 2014).

Com características semelhantes, os pecuaristas familiares são um tipo específico de agricultores familiares, derivados de diferentes formações e construções por meio da ocupação da terra, pautado no seu modo de vida e na relação particular com a natureza, bem como perante os seus recursos provenientes (RIBEIRO, 2009).

A pecuária familiar obteve sua legitimação a partir de uma série de estudos que identificaram a existência de uma categoria social particular no estado do Rio Grande do Sul (WAQUIL et al., 2016; BORBA, 2016; RIBEIRO, 2018). Caracterizam-se como pecuaristas familiares aqueles que possuem singularidades como a manutenção do modo de produção no campo com base familiar, a partir da criação de bovinos de corte e/ou ovinos, como principal atividade para

assegurar a reprodução familiar e da unidade produtiva (TORRES, 2003), bem como uma relação de dependência com o ambiente natural e a biodiversidade (WAQUIL et al., 2016; RIBEIRO, 2018).

Os pecuaristas familiares se diferenciam em fatores étnicos e culturais, ligados a fenômenos históricos de sua formação. Eles são “sujeitos detentores de interesses legítimos e direitos e, como tal, protagonistas que compõem, de forma singular, o tecido sociocultural e produtivo do estado do Rio Grande do Sul” (WAQUIL et al., 2016, p. 12). Segundo Ribeiro (2009), a pecuária familiar se caracteriza em uma relação com o meio ambiente por contingência que, por sua vez, deu-se pela necessidade de subsistência, mais ligada à ecologia do que à economia. Essas peculiaridades fazem com que o pecuarista familiar tenha seu próprio modo de vida, que garanta o fluxo contínuo de bens, energia e matérias, ao fazer uso dos recursos disponíveis na natureza de uma forma abrangente e amistosa, preservando fatores materiais como os recursos naturais e paisagens (AZEVEDO; FIALHO, 2016).

## 2.2 O Pampa Gaúcho: características e desafios

O Pampa, como bioma, é formado por um conjunto de espaços naturais, que corresponde a uma das áreas mais extensas do planeta em termos de paisagem campestre. Sua extensão ultrapassa 750.000 de quilômetros quadrados, localizado no sul do continente sul-americano, mais especificamente na Argentina, Brasil e Uruguai (ACHKA, 2017). No Brasil, o Bioma Pampa ocupa 2,1% do território nacional, sendo o único bioma que se situa em apenas um estado. Localiza-se na metade meridional do estado do Rio Grande do Sul, o Pampa Gaúcho, abrange cerca de 63% de seu território. Compondo um vasto espaço que forma um complexo sistemas de campos e paisagens naturais apresentando em sua maior característica gramíneas e plantas rasteiras, além de espécies arbustivas no decorrer de cursos d’água e rios e em áreas de relevo mais acidentado ou, ainda, serras (IBF, 2020).

O Pampa Gaúcho foi formado diante da mescla entre ambiente natural e o uso e ocupação do espaço. A partir das condições propícias de campos de pastagens naturais foi possível a enraizamento da pecuária de gado, até então asselvajado, o que moldaria a economia e sociedade do território, bem como a identidade de seu povo nativo, o gaúcho (RIBEIRO, 2018).

O Pampa Gaúcho é diverso, tanto em atributos materiais, quanto em atributos imateriais. Culturalmente, o território se desenvolveu formado por nativos, brancos e negros, como resultado da miscigenação de sua população. Dessa forma, originou-se o mito do homem gaúcho,

destemido por natureza, valente, peleador, que vive em campos, cultiva gado a pasto nativo, mas também cultiva suas tradições, crenças e valores (MAIA; TROIAN, 2022).

A pecuária de corte apresenta, desde suas origens, características compatíveis com o ambiente natural do Pampa, principalmente em fatores de sustentabilidade em um sistema produtivo (DELANOY, VIANA; TROIAN, 2020). Entretanto, para os autores, a região sofre com o dilema entre a tradicional exploração pecuária e a substituição pelo cultivo de grãos, principalmente, na região da Campanha Gaúcha. Entre os anos 2000 e 2015, o aumento da área plantada de soja em municípios do Pampa Gaúcho, superou 188,5%, sendo que 8,2% da elevação ocorreram em áreas preservadas de campo nativo. Como consequência, o avanço da soja no Pampa, ocorre em áreas tradicionais de cultivos pecuários, de formação natural e preservação do bioma, sinalizando a necessidade de planejamento quanto às questões de conservação e manejo de campos nativos no Sul do Brasil (KUPLICH; CAPOANE; COSTA, 2018).

Corroboram a problemática, os dados divulgados pelo MapBiomias (2023). O estudo ilustra o avanço da soja sobre pastagens naturais, em 1985 a agricultura ocupava 29,8% do bioma, em 2020, passou a usar 39,9% do território. A valorização do grão no mercado internacional tem feito com que a soja avance por áreas onde o solo não tem condições de plantio sustentável, gerando degradação ambiental e cultural. Por isso, reforça-se a busca por uma agropecuária que respeite o território e a dinâmica nele existente, como desafio atual para garantir a preservação do território. A seguir, apresenta-se a metodologia utilizada no estudo.

### **3 Metodologia**

A presente pesquisa possui abordagem qualitativa, caráter exploratório, realizada a partir do estudo de caso. A pesquisa qualitativa se dirige à análise de casos concretos e suas peculiaridades, partindo das expressões e atividades individuais e/ou coletivas em seus contextos sociais. As pesquisas com essas características analisam um conjunto de valores específicos, que frequentemente não são passíveis de mensuração numérica (FLICK, 2009).

O caráter exploratório da pesquisa é justificado pela busca por maior familiaridade em torno de determinado problema, com vistas a torná-lo mais explícito. Os estudos exploratórios geralmente são empregados quando se deseja conhecer de maneira aprofundada o tema em estudo, viabilizando a verificação empírica e o aprimoramento de percepções (GIL, 2017).

A pesquisa foi realizada através do método estudo de caso, o qual busca a compreensão de um contexto em particular, um objeto específico, realizando-se a descrição profunda do

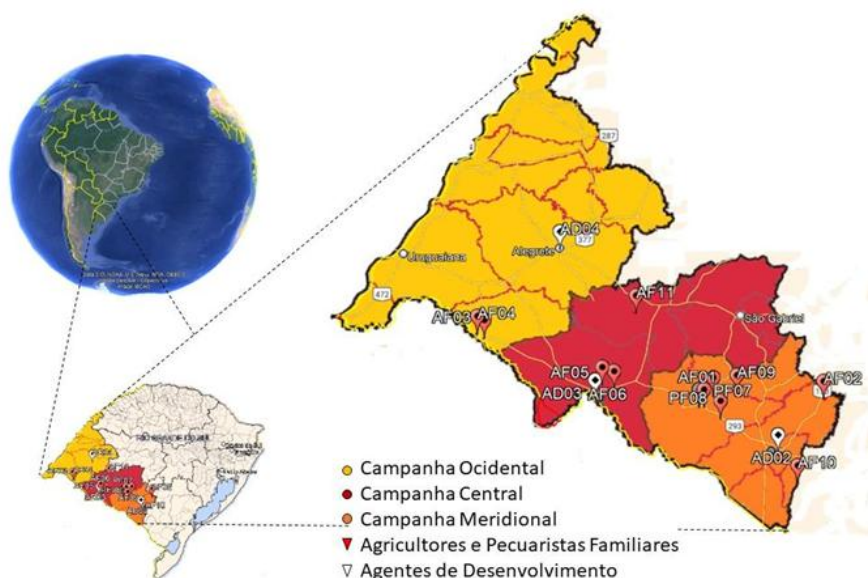


fenômeno (YIN, 2010). O caso em questão investigado se centra na relação entre os agricultores e pecuaristas familiares com o território Pampa Gaúcho.

Para tal, as técnicas de coleta de dados utilizadas foram: entrevistas semiestruturadas e observação participante. Realizaram-se onze entrevistas, seis com agricultores e quatro com pecuaristas familiares e uma com um agricultor que também exerce a função pecuarista. As entrevistas se deram mediante o uso de roteiros elaborados previamente, entre os meses de outubro de 2021 e fevereiro de 2022. Na escolha dos entrevistados se considerou a realidade dos atores locais e o seu papel no território. A seleção ocorreu via a técnica bola de neve, a qual é indicada para o estudo de grupos de difícil acesso, tendo em vista pouco conhecimento sobre a população alvo da pesquisa. Por isso, recorre-se a respondentes iniciais, como informantes-chave, para identificar e indicar outros participantes com o perfil do estudo (VINUTO, 2014).

O contato com os entrevistados foi efetuado através de ligações telefônicas e pelo aplicativo de mensagens WhatsApp, no qual foi solicitado o agendamento de visitas nas Unidades Familiares de Produção. A localização das UFP contempla as três microrregiões da Campanha Gaúcha, divididas em: Campanha Meridional, Campanha Central e Campanha Ocidental (IBGE, 1990). O critério foi utilizado visando maior representatividade perante a dimensão do território pesquisado, que compreende os municípios de Bagé, Dom Pedrito, Hulha Negra, Lavras do Sul, Quaraí, Rosário do Sul e Santana do Livramento. A área de abrangida pelo estudo está representada pela figura 1, que ilustra as localizações ou os pontos de referências de cada participante.

Figura 1 - Localização dos participantes do estudo no Pampa Gaúcho



Fonte: Maia (2022, p. 60).

A observação não participante foi empregada de maneira livre, de forma espontânea, visando não interferir em ações ou acontecimentos no campo de pesquisa (FLICK, 2009). Na prática, buscou-se por informações e/ou evidências que pudessem auxiliar no entendimento e compreensão dos dados obtidos nas entrevistas, de modo a registrar as percepções em um diário de campo que serviu para análise e triangulação dos dados obtidos. As anotações foram escritas durante as visitas nas UFPs, mantendo o máximo de fidelidade possível a cada situação.

Ademais, as entrevistas foram gravadas, transcritas e a análise dos dados coletados se deu a partir de uma aproximação da análise de conteúdo proposta por Bardin (2010). As categorias analíticas foram definidas a posteriori, a partir do agrupamento por semelhanças, das falas dos entrevistados. Para manter a integridade da identidade dos participantes da pesquisa, os entrevistados foram apresentados por código de identificação. As siglas “AF” para agricultores familiares ou “PF” para pecuaristas familiares, ou ainda a mescla dos dois códigos “APF”. As letras foram seguidas de números que representam a ordem cronológica das visitas realizadas.

#### **4 A dinâmica socioeconômica dos agricultores e pecuaristas familiares no Pampa Gaúcho**

A caracterização social dos agricultores e pecuaristas familiares participantes do estudo revela idade elevada (em média 55 anos), em sua maioria homens, casados e com ensino fundamental incompleto. Contudo, o nível educacional varia entre não alfabetizado e doutorado, evidenciando a heterogeneidade existente no território. O quadro 1 apresenta sinteticamente as principais características dos participantes da pesquisa.

As práticas produtivas dos agricultores e pecuaristas familiares no Pampa Gaúcho são para o autoconsumo, bem como fonte de renda. Como atividades comerciais agrícolas, destacam-se: a olericultura, a fruticultura, as flores ornamentais e a produção de sementes. Os cultivos agrícolas se dão, geralmente, em canteiros, pomares e estufas. Há também sistemas de cultivos em sistemas agroflorestais, pequenas lavouras e cultivos controlados, como hidroponia e semi-hidroponia.

Quadro 1 - Caracterização dos agricultores e pecuaristas familiares participantes da pesquisa

Entrevistado/a	Idade (anos)	Sexo	Escolaridade	Estado civil	Pessoas residentes na UFP
AF 01	39	Masculino	Fundamental incompleto	Casado	3 pessoas (entrevistado +esposa e filho)
PF 02	57	Feminino	Ensino superior	Solteira	3 pessoas (entrevistada +mãe e funcionário)
AF 03	51	Masculino	Médio incompleto	União estável	3 pessoas (entrevistado +mãe e companheira)
AF 04	40	Masculino	Fundamental incompleto	Casado	4 pessoas (entrevistado +esposa e dois filhos)
AF 05	52	Feminino	Doutorado	União estável	2 pessoas (entrevistada +companheiro)
AF 06	55	Masculino	Fundamental incompleto	Divorciado	2 pessoas (entrevistado +companheira)
PF 07	67	Masculino	Especialização	Casado	3 Pessoas (entrevistado +irmão e filho)
PF 08	56	Feminino	Ensino superior	Casada	2 pessoas (entrevistada +esposo)
APF 09	82	Masculino	Não alfabetizado	Casado	2 pessoas (entrevistado +esposa)
AF 10	47	Feminino	Médio completo	Solteira	3 pessoas (entrevistada +filha e companheiro)
PF 11	54	Masculino	Médio incompleto	Casado	2 pessoas (entrevistado +companheira)
<b>Origem dos agricultores e pecuaristas familiares</b>					
Nasceram no Pampa Gaúcho, mas saíram e retornaram às origens		Externos ao Pampa Gaúcho e que migraram pelas relações com o cenário rural e/ou com a produção agropecuária		Nasceram e permaneceram no Pampa Gaúcho	
PF02, AF03, AF04, AF05, PF08 e PF11		AF01, AF06, PF07 e AF10		APF09	

Fonte: Dados da pesquisa (2022).

As atividades pecuárias são: criação de bovinos, aves, suínos, equinos, piscicultura e caprinos. Os animais são criados para as produções de carne (corte), lã, leite e ovos. As criações pecuárias são em campo nativo e pastagens naturais, com auxílio, em alguns casos, da utilização de pastagens implantadas e cultivadas para garantir a alimentação dos animais. Com efeito, as práticas de reprodução socioeconômica dos agricultores e pecuaristas familiares no Pampa Gaúcho indicam uma relação e inter-relação entre si, com o ambiente e as atividades produtivas, que consolidam a identidade, o modo de vida e o território Pampa Gaúcho.

#### 4.1 Agricultores e pecuaristas familiares e o território Pampa Gaúcho

As entrevistas realizadas com agricultores e pecuaristas familiares indicam a existência de três categorias ao se tratar da *relação entre o território Pampa Gaúcho, a família e a atividade produtiva*, a saber: i) vida associada à imaterialidade; ii) produção associada à materialidade; e iii) não pertencimento ao território.

A categoria **vida associada à imaterialidade** é composta por cinco participantes, sendo quatro pecuaristas familiares (PF02, PF07, PF08 e PF11) e o agricultor e pecuarista familiar aposentado (APF09). Os atributos intangíveis do Pampa Gaúcho, como as tradições e a cultura, assentadas no modo de vida peculiar do território que, mesmo diverso, sofre com a falta de desenvolvimento, são apontados no relato:

Eu acho que o Pampa tem uma característica própria, muito rica. Vamos falar dos nossos doces, nosso solo, a erosão, até a erosão, eu acho assim que é um estudo próprio nosso. Alimentação, a indumentária, até o corte de cabelo dos gaúchos é diferente! A nossa fisionomia, nossa estrutura, usos, costumes, uns hábitos que pra outros é estranho, é característico nosso, como carnear um animal. São coisas que, claro, cada um com sua etnia, seus hábitos, eu acho rico! Nós temos uma Pampa rica, mal explorada, até pro desenvolvimento ele é mal explorado, porque eu acho assim, que não precisa degradar tanto pra explorar bem! É só saber explorar (PF08 – Dom Pedrito).

Para os entrevistados pertencentes a essa categoria, as relações com o território estão alicerçadas no contexto e no modo de vida no Pampa Gaúcho. Nesse sentido, esses elementos atuam como arcabouços para os demais atributos imateriais que podem existir no território, tais como crenças, valores, imaginários e vestuários. Deste modo, todos os atributos estão relacionados à produção no território, mas de forma que o imaterial e a vida no Pampa Gaúcho se sobressaem à questão produtiva ou até mesmo imediatista, como é o caso da agricultura moderna. Questões essas que podem ser identificadas no discurso, a seguir:

O Pampa Gaúcho como um todo é só uma extensão de onde eu vivo! São características diferentes em determinados lugares [...], mas o Pampa Gaúcho pra mim é como um todo! [...] E, às vezes, as pessoas querem tudo pra sempre e não é assim! Sabe, tudo tem um tempo. No que se refere ao campo, eu tô falando da maneira que eu vejo, à produção primária, à agricultura, à pecuária, tudo tem um tempo e tem que respeitar isso (PF11 – Rosário do Sul).

A relação entre os entrevistados que compõem a categoria vida associada à imaterialidade com o território, possibilita a compreensão do Pampa Gaúcho como o espaço que extrapola um lugar. Santos (2005) acrescenta à definição de território, formas de uso e ocupação através dos recursos disponíveis e potencialidades, inserindo assim, outras dimensões, além das questões naturais e físicas existentes.

Na categoria de **produção associada à materialidade**, foram identificados cinco participantes, todos agricultores familiares (AF01, AF03, AF04, AF06 e AF10). O fato de a categoria ser formada somente por agricultores familiares pode ser explicado a partir da dinâmica da própria agricultura, que se baseia em questões físicas, atribuindo pouca importância ao intangível, uma vez que a carga cultural é própria do agricultor, no caso de quem é migrante

para o território, que já carrega os atributos de seu lugar de origem (AF01, AF06 e AF10). Esses fatores podem ser visualizados na fala a seguir:

A gente foi aprendendo a assimilar o Pampa Gaúcho, o Cerrado, enfim essas coisas. E, com certeza, a gente aprendeu a entender o que é o Pampa Gaúcho pra poder se enquadrar porque não adianta tu querer ir contra porque tu não vai conseguir. Então tu tenta também a seguir a região, os solos, as características deles, a época de plantio. Então tu tem que se adaptar! [...] Tu abre (a porta) e tem um vento muito forte, mas a característica do nosso Pampa (AF10 – Hulha Negra).

Há ainda rupturas ao imaterial do Pampa Gaúcho, que se perdeu no decorrer da atividade produtiva, como é o caso dos agricultores familiares AF03 e AF04. No que diz respeito às relações existentes com o território, os aspectos produtivos, como, por exemplo, o clima, ficam em evidência, conforme comenta o agricultor familiar AF03, de Quaraí: *“Pra gente que trabalha com essa parte da agricultura, a gente sente bastante as temperaturas aqui, mudou muita coisa. Mas aqui no nosso Pampa hoje, ainda é bom de viver e plantar. Acho que ainda dá! Cada vez tá ficando mais difícil pra produção”*.

Percebe-se que há uma relação com o território, mas que é embasada por aspectos produtivos. Entretanto, o entrevistado comenta sobre a vida no Pampa Gaúcho, rompendo a ideia de produção, descrevendo-o como um lugar de vida e, rapidamente, retorna às questões produtivas. O fato de, *“mas aqui no nosso Pampa hoje ainda é bom de viver e plantar”* (AF03 - Quaraí), pode estar atrelado ao avanço da agricultura moderna, que causa transformações no território, interferindo nos aspectos produtivos, como fatores climáticos que podem estar associados a alterações no território.

Cabe ressaltar, que a importância dos atributos materiais é destacada por autores como Santos (2005), Saquet (2011) e Oliveira (2020). No entanto, os autores são determinantes ao afirmar que os atributos materiais (como o clima) são fatores relevantes para a construção do território, mas que não podem o definir. Dessa forma, para que o território seja consolidado, há a necessidade de apropriação e de uso do espaço, a partir da combinação de atributos materiais e imateriais e da inter-relação resultante desse movimento.

É possível, a partir da perspectiva de agricultores familiares participantes do estudo, definir o Pampa Gaúcho em fatores de produção. Ou seja, vincular o espaço às questões relacionadas ao aspecto produtivo em detrimento ao contexto de vida, como ocorre com os pecuaristas familiares. Assim, a definição de Pampa Gaúcho pelos agricultores familiares vai ao encontro das concepções expostas por Santos (2005), Schneider (2009), Saquet (2011) e Oliveira (2020).

Já a categoria **não pertencimento ao território**, é composta por uma única pessoa, a agricultora familiar AF05, de Santana do Livramento. O pertencimento é um dos pilares do território, mas o atributo não é expresso pela entrevistada: *“Quando eu digo que sou uma pessoa sem raiz, é quase como dizer que pra mim tanto faz o Pampa ou não faz (risos). Eu poderia responder sinceramente nesse ponto de vista, porque realmente eu não tenho esse sentimento de pertencer ao Pampa”* (AF05 – Santana do Livramento).

Destaca-se que a liberdade de não pertencer, como afirma a entrevistada, tem base em suas experiências pessoais, acadêmicas e profissionais que permitiram essa fluidez e o pensar diferente dos demais entrevistados. Embora diga que não se sinta parte do Pampa, tendo viajado e residido em boa parte da sua vida na América Latina, foi em sua cidade natal, Santana do Livramento-RS, que ela decidiu se estabelecer e montar seu empreendimento. Reforça-se, assim, que não há desqualificação no sentimento de não pertencer, mas há sim, uma forma diferente de construir o território, a partir de sua visão de mundo e contexto de vida.

Ainda assim, no que se refere à relação com o território e questões físicas, isto é, os atributos materiais, a entrevistada complementa, discorrendo sobre a relevância do território atrelado ao modo de vida no Pampa Gaúcho: *“No ponto de vista físico mesmo, ele tem as características físicas dele, do território, do clima, do tipo de visão paisagística que também influem, que causam uma influência forte no modo de vida das pessoas que estão aqui”* (AF05 – Santana do Livramento).

Na agricultura familiar, evidencia-se que os aspectos produtivos, também são definidores do modo de vida. O uso de recursos naturais como solo, água, relevo, clima, fauna e flora, além da adaptação e transformação desses recursos em possibilidades de produção, fazem com que a categoria social se mantenha no território. Por outro lado, os pecuaristas familiares demonstram ser enraizados ao território. A afirmação tem como base as noções de territorialidade e de territorialização, que se manifestam no pertencimento e no modo de vida típico do Pampa Gaúcho, fortemente atrelado aos atributos imateriais, às questões culturais e tradicionais do território, mas mantendo ligação e dependência com os atributos materiais.

#### 4.2 Identidade e Pampa Gaúcho

Os resultados das entrevistas realizadas com agricultores e pecuaristas familiares revelam a existência de três categorias ao se tratar da *identidade*. Nesse sentido, abordou-se sobre o

*sentimento pelos atributos materiais e imateriais presentes no território.* Para a análise, respeitou-se a categorização realizada anteriormente, a saber: i) vida associada à imaterialidade; ii) produção associada à materialidade; e iii) não pertencimento ao território.

Na categoria **vida associada à imaterialidade**, foram identificados cinco participantes, sendo os quatro pecuaristas familiares (PF02, PF07, PF08 e PF11) e o agricultor e pecuarista familiar aposentado (APF09). As diferenciações incluídas nessa questão dizem respeito ao sentimento pelos atributos materiais e imateriais do território. Nesse sentido, foi possível perceber na pecuária familiar, principalmente, maior relação sentimental e identitária ao território, construindo-se material e imaterialmente, carregado de todos seus atributos, como expõe a fala, a seguir:

Eu acho essencial! É aquilo que a gente falou, o Pampa Gaúcho eu acho que uma das únicas regiões do país, penso eu, com essas peculiaridades, tchê, que define assim o Gaúcho. O churrasco daqui, a maneira de se vestir, a bombacha, a bota né?! Chapéu, assim, é característica do Gaúcho inconfundível [...]. E se tu não tiver valores no que tu faz, seja no teu trabalho, se tu não tiver os teus valores como ser humano, como homem, vai chegar uma hora que vai ter situações que tu vai te deparar e não vai saber o que fazer, por falta desses valores (PF11 – Rosário do Sul).

Assim, tem-se representado na pecuária familiar do Pampa Gaúcho, o seu sentimento à questão cultural, desde os valores e crenças até as tradições e o imaginário pampeano que existe no território. Como mencionado anteriormente, os atributos materiais são imprescindíveis e, mesmo diante de sua materialidade e aspecto físico, incorporam elementos imateriais, dado o sentimento, o apreço, o apego por parte dos pecuaristas com o território, em seu aspecto natural. O apego ao ambiente natural, transformando-o em intangível está presente no discurso a seguir, que versa sobre o sentimento de continuidade e conservação do Pampa Gaúcho:

Vontade que ele [o Pampa] percore, que seja para as próximas gerações [...]. Eu pretendo fazer aqui uma área de proteção, pra que no futuro os próprios estudantes, as próprias faculdades, os próprios biólogos, possam vir aqui utilizar desse lugar, a gente tá sempre à disposição aqui. Quero que percore, que se um dia se a humanidade precisar de algo que a gente possa ter semeado aqui, que a gente possa contribuir pra isso, pro bem da humanidade. E não só da humanidade, dos animais e das próprias plantas que sobreviver aqui (risos) (PF02 – Bagé).

Ainda nesta categoria, cabe destacar definições traçadas pelo agricultor e pecuarista familiar aposentado de Lavras do Sul. Em sua fala, o entrevistado menciona sobre os elementos intangíveis do território, em um momento lúdico, retrata as suas percepções sobre o lugar, sobre

os campos que se estendem em coxilhas, sobre o sol, sobre o entendimento de todas as relações que acontecem em cada parte do território:

É no dia a dia. Até no soltar a visão! Ah! Coisa boa! Coisas boas, a luz, luz divina, luz do dia não é, bom pensamento [...]. O lado certo das coisas! Em primeiro lugar, agradecer, não é? Pela clareza, a luz que Deus tá me dando, não é? E isso aí já é um algo muito precioso [...]. É uma vida! [O Pampa Gaúcho]. Uma vida com abundância! Creio eu né?! Tudo que a gente enxerga nesse mundo, é vida! É vida! (APF09 – Lavras do Sul).

O exposto pelos entrevistados no Pampa Gaúcho reforça os fatores inerentes à construção e consolidação do território, como apresentado conceitualmente nos estudos de Santos (2005), Schneider (2009), Saquet (2011) e Oliveira (2020). O contexto territorial presente na pecuária familiar do Pampa Gaúcho reforça os achados de Schneider e Tartaruga (2004). Para os autores, as múltiplas dimensões atribuídas ao território e aos cenários rurais, contribuem diretamente em fatores de desenvolvimento, pois discorrem sobre as complexidades e dinâmicas que compõem o rural, sem desconsiderar relações sociais que existem no espaço e que são relevantes para a sua consolidação como um contexto de vida.

A características presentes na identidade relaciona-se ao ato de pertencer, de ser, de se identificar com o território. Essas questões são evidentes nos relatos dos pecuaristas familiares, fortemente identificados com o Pampa Gaúcho. Albagli (2004) e Schneider (2009) argumentam que a identidade está relacionada à territorialidade, sendo assim, ao se demonstrarem identificados com o território, os pecuaristas familiares se tornam parte desse espaço, pertencentes e envolvidos no modo de vida do Pampa Gaúcho.

Nesse sentido, a territorialização é pertencer, é pertencimento. Para autores como Albagli (2004), Haesbaert e Ramos (2004), Saquet (2011) e Chelotti (2013), a territorialização é produto da integração entre os atores e o ambiente. Em específico, no caso deste estudo, os pecuaristas familiares pertencem ao Pampa Gaúcho, tanto quanto o território pertence a eles, dada a relação de identidade, baseada no modo de vida tradicional no espaço.

Já na categoria **produção associada à materialidade**, foram identificados cinco participantes, todos agricultores familiares (AF01, AF03, AF04, AF06 e AF10). Percebe-se uma relação intrínseca entre o ambiente produtivo e a identificação com território, principalmente por orientar o modo de vida e assegurar a dinâmica das interações sociais. São notáveis na agricultura familiar do Pampa Gaúcho, aspectos como os elementos de des-re-territorialização. Ou seja, promover a mudança, provocar o novo. É assim com os agricultores que nasceram no



Pampa Gaúcho e com os que migraram que, por integração, sentem-se parte do território, como expõe o discurso a seguir:

Eu não sou natural daqui, mas bem dizer me criei aqui, então, dá pra dizer que eu sou daqui! Bom, desde o início eu tô muito feliz, sabe, em viver aqui, é uma região bem diferente de onde tem grandes população. Todo mundo conhece todo mundo e cria aquele vínculo. Então é muito prazeroso, assim, conviver aqui, trabalhar aqui e produzir (AF01 – Dom Pedrito).

Chelotti (2003) e Haesbaert e Ramos (2004) explicam que a desterritorialização está assentada em tirar o contexto da vida social, subtraindo territorialidades, provocando a perda do território. Isso é, em um contexto que o agricultor vem de fora, ele pode, através de sua inserção no território, provocar uma quebra de dinâmica local. Assim, ocorrerá um processo de reterritorialização, ou seja, a criação de um novo território. Posto que, novas formas de atividades produtivas e contextos de vida são inseridos no Pampa Gaúcho, a partir da inserção da agricultura familiar no território. O que tem elementos positivos, como por exemplo, mitigar a cultura machista e patriarcal do homem gaúcho.

Nesse contexto, uma agricultora familiar entrevistada destaca que, por ser externa ao Pampa Gaúcho, não carrega o sentimento de identidade com o território. Contudo, no decorrer de sua fala é possível observar singelos estreitamentos que indicam afinidade de sua família com a cultura e as tradições, influenciada pelo ambiente e as características territoriais, conforme o discurso:

Tu sabe que não me identifico muito assim com o Pampa Gaúcho. Não é que não ache bonito, eu acho bonito, interessante [...]. A gente cultiva o chimarrão, meu guri gosta muito de usar bombacha, mas por questão prática pra trabalhar e o Kiko toca umas músicas gaúchas! Toca gaita, poucas gaúchas, mas agora ele tá aprendendo mais porque o pessoal pede música gaúcha. Mas no geral do assentamento tem CTG [Centro de Tradições Gaúchas], tem Piquetes, o pessoal gosta muito (AF10 - Hulha Negra).

O exposto pelos entrevistados reforça a associação do Pampa à atividade produtiva, ao possibilitar produzir a partir das condições naturais do espaço. Ainda que, fatores culturais ou a tradição do território sejam presentes no cotidiano desses agricultores, aparentemente não há o pertencimento. Há, talvez, um envolvimento com o território, mas as suas visões de território, ou ainda, sentimentos para com o Pampa Gaúcho, confrontam Oliveira (2020) em questões de pertencimento, Santos (2005) na perspectiva maior do que um lugar e, Schneider (2009), na definição do rural como espaço de vida e acontecer social.

Por fim, na **categoria não pertencimento ao território**, que é formada por apenas uma participante, a agricultora familiar AF05. Não foram encontradas questões relevantes no que diz respeito ao sentimento pelos atributos materiais e imateriais presentes no território e identidade. Essas questões já foram outrora apresentadas tendo em vista particularidades dessa entrevistada, reforçadas em sua fala: *“Eu achei que não pertencia ao Pampa e que tinha mais coisas além do Pampa. Então, como eu não tenho esse enraizamento com o território, eu não tenho esse sentimento do Pampa e tudo mais, mas isso é pessoal... de novo estou respondendo do meu ponto de vista”* (AF05 – Santana do Livramento).

Haesbaert e Ramos (2004) e Chelotti (2013) conceituam esse movimento como desterritorialização, que ocorre quando o contexto de vida pré-existente é alterado ou convertido, provocando uma ruptura no território, até então estabelecido. Tal movimento é encontrado nos relatos dos agricultores familiares participantes do estudo, que tendem ao rompimento do território, baseado no não cultivo de atributos imateriais e simbolismos inerentes ao contexto do Pampa Gaúcho. Todavia, cabe mencionar que o movimento de desterritorialização não é necessariamente um fator negativo, mas uma quebra de paradigma existente e em estabilidade no espaço, o que pode resultar na organização de uma nova dinâmica social, ambiental e econômica no Pampa Gaúcho.

Ao abordar sobre agricultura e pecuária familiar no Pampa Gaúcho, o estudo evidencia que há ligações com o território em duas medidas. Na agricultura familiar é mais presente a relação com o ambiente e os recursos naturais disponíveis, para assim exercerem suas atividades produtivas e pautarem seus modos de vida no território. Já na pecuária familiar, constata-se uma maior ligação com o território, embasada na identidade cultural do gaúcho para com o Pampa.

Sendo assim, o movimento que compõe o modo de vida dos agricultores e pecuaristas familiares, contribui de forma positiva para a manutenção das características do Pampa Gaúcho. O que pode definir esses indivíduos como guardiões do território, tendo em vista a preservação e uso dos recursos materiais disponíveis e a conservação das tradições, crenças e valores que fazem parte do imaginário e da vida cotidiana no Pampa Gaúcho.

## 5 Considerações finais

Com os resultados da investigação, pode-se identificar que os agricultores e pecuaristas familiares contribuem para a reprodução das características do Pampa Gaúcho, podendo ser considerados os guardiões do território. A agricultura familiar tem suas contribuições ligadas às questões materiais, aos recursos naturais e à sua preservação. A categoria social encontra no território condições ideais para a reprodução de seu modo de vida e de suas famílias. Ainda assim, os atributos imateriais do Pampa Gaúcho, não cultuados de forma clara, tendem a uma descaracterização do território, ao longo do tempo. O que, em alguns aspectos é positivo, como por exemplo a desterritorialização de valores e culturas, reduzindo o patriarcado, por exemplo.

A pecuária familiar está relacionada tanto aos atributos materiais (físicos) quanto aos atributos imateriais (cultura, modo de vida, tradição). Contudo, a forte ligação com o imaterial do Pampa Gaúcho faz com que a categoria se reproduza no território, preservando o ambiente natural, potencializando a sua identidade e a vasta carga cultural perpassada de geração em geração, caracterizando-se como um organismo vivo no Pampa Gaúcho. Destarte, o território Pampa Gaúcho se consolida a partir da construção social, através do uso, ocupação e da apropriação do espaço, elementos que são, de forma mais evidente, representados pelos pecuaristas familiares, perante o imaginário e o sentimento de identidade e territorialidade revelados.

Por meio dos achados, evidencia-se a emergência da valorização da agricultura familiar e pecuária familiar no território Pampa Gaúcho. Uma vez que, a carência de políticas públicas e os perigos da expansão da agricultura moderna são gargalos presentes no cenário rural em questão. Novas dinâmicas estão modificando o território a partir do advento da agricultura moderna, mais precisamente nas zonas rurais, causando uma série de reflexos no Pampa Gaúcho, como a conversão de áreas de campo nativo em áreas de cultivos, introdução de espécies exóticas e manejo no solo (ainda que em pequenas ações), são exemplos de entraves e potenciais inibidores das potencialidades deste território.

Por fim, através dos resultados obtidos, acredita-se que a pesquisa possa contribuir socialmente para evidenciar o papel de produção agropecuária familiar no território, pautadas, principalmente, em seu modo de vida, em perspectivas e na relação com a natureza, tanto materiais quanto imateriais. Como também observar como esses elementos podem manter e/ou alterar as características do território Pampa Gaúcho. Academicamente, a pesquisa colabora para ampliar a discussão sobre abordagem do território, tendo em vista suas múltiplas dimensões. Em suma, espera-se que estudos posteriores possam utilizar a abordagem territorial para investigar

o Pampa Gaúcho, não apenas observando os aspectos produtivos e de rentabilidade, mas o contexto de vida, a sociedade e o ambiente da agropecuária familiar.

## Referências

- ACHKA, M. El bioma pampa: um Território em disputa. In: WIZNIEWSKY, C. R. F.; FOLETO, E. M. **Olhares sobre o Pampa: um Território em disputa**. Porto Alegre: Evangraf, p. 126-140, 2017.
- ALBAGLI, S. Território e territorialidade. In: LAGES, V.; BRAGA, C.; MORELLI, G. (Orgs.). **Territórios em movimento: cultura e identidade como estratégia de inserção competitiva**. Rio de Janeiro: Relume Dumará / Brasília: SEBRAE, 2004.
- ALVEZ, F. D.; SILVEIRA, V. C. P.; FERREIRA, E. R. Territorialização camponesa, identidade e reproduções sociais: os assentamentos rurais na metade sul do Rio Grande do Sul. **Campo-território: Revista de Geografia Agrária**, Uberlândia, v. 2, n. 4, p. 82-97, 2007.
- AQUINO, J. R. de; SCHNEIDER, S. O papel da agricultura familiar na superação da crise atual. **Brasil debate**. (Site). Publicado em: 27 abr. 2021. Disponível em: <https://brasildebate.com.br/o-papel-da-agricultura-familiar-na-superacao-da-crise-atual/>. Acesso em: 05 abr. 2023.
- AZEVEDO, L. F. de; FIALHO, M. A. V. Pecuária familiar: uma análise do modo de apropriação da natureza a partir dos saberes e práticas tradicionais – Território do Alto Camaquã, Rio Grande do Sul. In: WAQUIL, P. D. et al. **Pecuária familiar no Rio Grande do Sul: história, diversidade social e dinâmicas de desenvolvimento**. Porto Alegre: UFRGS, p. 149-167, 2016.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 4 ed. Lisboa: Edições 70, 280 p. 2010.
- BENCKE, G. A.; CHOMENKO, L.; SANT'ANNA, D. M. O que é o Pampa. In: CHOMENKO, L.; BENCKE, G. A. **Nosso Pampa Desconhecido**. Porto Alegre: Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul, p. 16-27, 2016.
- BORBA, M. F. S. Desenvolvimento territorial endógeno: o caso do Alto Camaquã. In: WAQUIL, P. D. et al. **Pecuária familiar no Rio Grande do Sul: história, diversidade social e dinâmicas de desenvolvimento**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, p. 187-214, 2016.
- CHELOTTI, M. C.; A dinâmica territorialização-desterritorialização-reterritorialização em áreas de reforma agrária na Campanha Gaúcha. **Campo-Território: Revista de geografia agrária**, Uberlândia, v.8, n.15, p. 1-15, 2013.
- CRUZ, R. C.; GUADAGNIN, D. L. Uma pequena história ambiental do Pampa: proposta de uma abordagem baseada na relação entre perturbação e mudança. **A sustentabilidade da Região da Campanha-RS: Práticas e teorias a respeito das relações entre ambiente, sociedade, cultura e políticas públicas**. Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, p. 155-179, 2012.
- DAL SOGLIO, F. K. A agricultura moderna e o mito da produtividade. In: DAL SOGLIO, F. K.; KUBO, R. R. (Orgs.). **Desenvolvimento, agricultura e sustentabilidade**; coordenado pela SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 206 p. 2016.
- DELANOY, M.; VIANA, J. G. A.; TROIAN, A. Sustentabilidade de sistemas pecuários no Rio Grande do Sul e perspectivas de políticas públicas regionais. **Revista Amazônia, Organizações e Sustentabilidade**, Belém, v.9 n.2, p. 141-160, 2020.
- FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3 ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2017.

HAESBAERT, R.; RAMOS, T. T. O mito da desterritorialização econômica. **GEOgraphia**, Niterói, v.6, n. 12, p. 25-48, 2004. DOI: <https://doi.org/10.22409/GEOgraphia2004.v6i12.a13478>

IBF. Instituto Brasileiro de Florestas. **Bioma Pampa**. Disponível em: <https://www.ibflorestas.org.br/bioma-pampa>. Acesso em 16 mar. 2023.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Divisão regional do Brasil em mesorregiões e microrregiões geográficas**. Rio de Janeiro: IBGE: 1990. Disponível em: [https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv2269\\_1.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv2269_1.pdf). Acesso em: 10 out. 2020.

KUPLICH, T. M.; CAPOANE, V.; COSTA, L. F. F. O avanço da soja no Bioma Pampa. **Boletim Geográfico do Rio Grande do Sul**, Porto Alegre, n. 31, p. 83-100, 2018.

MACIEL, M. D. A.; TROIAN, A. Território, territorialidade em um possível desenvolvimento: revisitando noções, gerando e aplicando conceitos. In: BRANDÃO, L. M. de S. et al. **Multiplicidades do meio ambiente na contemporaneidade**. [Recurso eletrônico], v. 2. Rio de Janeiro: e-Publicar, 2022a.

MACIEL, M. D. A.; TROIAN, A. A produção de novidades da agricultura familiar: O protagonismo dos sistemas orgânicos e agroecológicos no desenvolvimento sustentável. **Desafio Online**, Campo Grande, v.10, n.3, 2022b.

MAIA, J. F. **O Pampa Gaúcho e a contribuição da agricultura e da pecuária familiar no processo de desenvolvimento territorial**. 2022. Dissertação (Mestrado em Administração), Universidade Federal do Pampa, Santana do Livramento, RS, 2022.

MAIA, J. F.; TROIAN, A. O Pampa Gaúcho: fatores materiais e imateriais na consolidação do território. **Revista Grifos**, Chapecó, v. 31, n. 57, p. 01-19, 2022. DOI: <http://dx.doi.org/10.22295/grifos.v31i57.6722>

MAIA, J. F.; TROIAN, A.; MACIEL, M. D. A. A imaterialidade do material: o pampa gaúcho na prática e no imaginário dos agricultores e pecuaristas familiares agroecológicos. In: **Anais... X Simpósio da Ciência do Agronegócio – CIENAGRO**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 20 e 21 de outubro de 2022. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/cienagro/10o-cienagro-2022/>. Acesso em 04 abr. 2023.

MAPBIOMAS. Observatório do Clima. **Desmatamento em 2021 aumentou 20%, com crescimento em todos os biomas**, 2023. Disponível em: <https://mapbiomas.org/desmatamento-em-2021-aumentou-20-com-crescimento-em-todos-os-biomas-1>. Acesso em: 04 abr. 2023.

MATEI, A. P.; FILIPPI, E. E. O bioma pampa e o desenvolvimento regional no Rio Grande do Sul. In: **Anais...: 6º Encontro de Economia Gaúcha**. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012. Disponível em: [http://cdn.fee.tche.br/eeg/6/mesa8/O\\_Bioma\\_Pampa\\_e\\_o\\_Desenvolvimento\\_Regional\\_no\\_RS.pdf](http://cdn.fee.tche.br/eeg/6/mesa8/O_Bioma_Pampa_e_o_Desenvolvimento_Regional_no_RS.pdf). Acesso em: 17 jan 2023.

MATTEI, L. O papel e a importância da agricultura familiar no desenvolvimento rural brasileiro contemporâneo. **Revista Econômica do Nordeste**, Fortaleza, v. 45, n. 2, p. 71 – 79, Suplemento Especial, 2014.

MAZURANA, J.; DIAS, J. E.; LAUREANO, L. C. **Povos e comunidades tradicionais do Pampa: visibilizando resistências**. Porto Alegre: Fundação Luterana de Diaconia, 2016. 224 p.

NETTO, T. A.; VARGAS, D. L de. Territorialização da soja no contexto da agricultura familiar na fronteira Brasil/Uruguai. **Geosul**, Florianópolis, v. 34, n. 71, p. 428-447, 2019. DOI: <https://doi.org/10.5007/1982-5153.2019v34n71p428>.

OLIVEIRA, N. M. de. Território: contributo sobre distintos olhares. **Revista Tocantinense de Geografia**, Araguaína, v. 9, n. 17, p. 43-62, 2020.

DOI: <https://doi.org/10.20873/rtg.v9n17p43-62>

PLOEG, J. D. V. D. Dez qualidades da agricultura familiar. **Revista Agriculturas: experiências em agroecologia**, Rio de Janeiro, n. 1, fevereiro de 2014. Disponível em: [http://www.bibliotecadigital.abong.org.br/bitstream/handle/11465/374/ASPTA\\_dez\\_qualidades\\_agricultura\\_familiar.pdf?sequence=1](http://www.bibliotecadigital.abong.org.br/bitstream/handle/11465/374/ASPTA_dez_qualidades_agricultura_familiar.pdf?sequence=1). Acesso em 23 jan. 2023.

RIBEIRO, C. M. **Estudo do modo de vida dos pecuaristas familiares da Região da Campanha do Rio Grande do Sul**. 2009. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Rural). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

RIBEIRO, C. M. A pecuária familiar e a transição agroecológica. **Revista Canguê**, Paysandú, v. 1, p. 21-26, 2018.

SANTOS, M. O retorno do território. **OSAL – Observatório Social de América Latina - Debates**, Buenos Aires, v. 6, n.16, p. 250-261, jan./abr. 2005. Disponível em: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/osal/osal16/D16Santos.pdf>. Acesso em 25 jan. 2023.

SCHNEIDER, S. Território, Ruralidade e Desenvolvimento. In: VELÁSQUEZ, F. L.; MEDINA, J. G. F. (Orgs.). **Las Configuraciones de los Territorios Rurales en el Siglo XXI**. Bogotá: Editorial Pontificia Universidad Javeriana, 2009a.

SCHNEIDER, S. **A diversidade da Agricultura Familiar**. Porto Alegre: UFRGS Editora, 2009b.

SAQUET, M. A. As diferentes abordagens do território e a apreensão do movimento e da (i) materialidade. **Geosul**, Florianópolis, v. 22, n. 43, p 55-76, jan./jun. 2007.

SAQUET, M. A. O desenvolvimento numa perspectiva territorial, multidimensional e democrática. **RESGATE: Revista Interdisciplinar de Cultura**, Campinas, v. 19, n. 21, p. 5-15, jan./jun., 2011. DOI: <https://doi.org/10.20396/resgate.v19i21.8645701>

VINUTO, J. A. amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**, Campinas, v. 22, n. 44, p. 203–220, 2014.

DOI: [10.20396/tematicas.v22i44.10977](https://doi.org/10.20396/tematicas.v22i44.10977)

WAQUIL, P. et al. Pecuária familiar no Rio Grande do Sul: a resignificação de uma categoria social. In: WAQUIL, P. D.; MATTE, A.; NESKE, M. Z.; BORBA, M. F. S. **Pecuária familiar no Rio Grande do Sul: história, diversidade social e dinâmicas de desenvolvimento**. Porto Alegre: UFRGS, p. 11-16, 2016.

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 4 ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.